

**Fundo:** Departamento de Censura

**Número da Pasta:** 152

**Número de Documentos:** 5

**Autor (es):** Dias, Aroldo

**Título:** Retalhos do marro

**Gênero:**

**Personagens:** Raimundo, Maria, João Cova, Etelvina,  
Perigoso, Libório

**Tema/Sinopse:** O dia a dia de pessoas simples que  
vivem no marro e lutam para sobreviver.

**Observações:** 2 peças teatrais e 3 certificados de  
censura federal

Valdeir  
até 03/3

A. MACEDO PRODUÇÕES  
e  
RETALHOS DE MORRO  
de  
AROLDO DIAS  
dois atos

---

PERSONAGENS:

RAIMUNDO  
MARIA  
JOÃO COVA  
ETELVINA  
PERIGOSO  
LIBÓRIO

- ILUMINAÇÃO - UBIRACI MACEDO DIAS.
- SONOPLASTIA - PERCILIO DOS SANTOS.
- EFEITOS - EQUIPE.
- PRODUÇÃO - A. MACEDO PRODUÇÕES.
- DIREÇÃO - WILSON ROBERTO GOMES.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



RAIMUNDO a vaca resbalô no sabonete e matô a véia!  
 MARIA Seu cachorro, você tá pensando que nós semo bobo, seu sem con-  
 sideração, cretino...  
 RAIMUNDO ( SAI DO PALCO, CORRENDO )

FIM DO PRIMEIRO ATO

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SONOPLASTA (GRAVAÇÃO DOS DEMÔNIOS DA GARÇA, "BEM FEITO" de SERENO)

RAIMUNDO ( ASSOBIANDO FORA DE CENA ) ( ENTRA ) Maria! Maria! Será que ela saiu?  
 Mas não me disse nada. Onde iria a esta hora. ( APANHA PAPEL EM  
 CIMA DA CAMA ) Um bilhete. Vamos ver o que diz... ( LÊ ) Raimundo,  
 MARIA ( VOZ GRAVADA ) eu desci o morro. Me perdô de pudé. Tenho mêdo  
 de ficá aqui. Cansei de tanta pobreza. Onte mesmo aconteceu aqui  
 lo cá Telvina. Acha que é certo? Sei que você não faria uma coi-  
 sa dessas, mas já imaginô se eu fico esperando um filho, que vi-  
 da vomo oferece prá êle? Não, Raimundo, eu prefiro sacrifica o  
 meu amor a deixá as crianaça depois, passá trabalho. Por mais -  
 lindo que seja o nosso amor, os filhos não merecem sorte ruim. Não  
 sei o que vai sê de mim, sem tim. Talvez eu vá fazê a vida cantan-  
 do, você sempre dizia que eu tenho voz bonita, lebra? Se não ti-  
 vé sorte, que seja o que Deus quisé. Adeux, Raimundo, e vê se po-  
 de me perdoá. Tua sempre Maria... Porque, Maria? Por que? Você  
 não devia tê ido embora, não devia! Se você tivesse esperado...  
 ETELVINA Raimundo... ( ENTRA EM CENA TRISTE )  
 Raimundo Telvina, a Maria...  
 ETELVINA Eu sei de tudo. Tentei impedi ela de ir, não diantô. Pensei até  
 em dá um chêgo no teu basquete, não não tinha nenhum cruza em  
 casa.  
 PERIGOSO LIBÓRIO E ARNESTO ENTRAM SILENCIOSO  
 ETELVINA Raimundo, você mesmo dizia que a gente precisa deca... ( SORRI )  
 alguma coisa prá nós, vai.  
 RAIMUNDO Tem certos dias que a vida nos consegue vencê, Telvina...  
 Muitas vêz eu ri da vida. Agora, chegô a vez dela ri de mim. Não  
 será por muito tempo. Eu falei com o meu patrão. Êle qué te co-  
 nhecê. É quase certo que êle vai te empregá.  
 ETELVINA Que bom, Raimundo, você não esqueceu. Muito brigada.  
 RAIMUNDO Sabe, hoje o meu patrão me chamô no escritório da companhia prá  
 conversá comigo. Sabe o que que êle queria? Me passá prá capa-  
 taz da obra. Sabe o que significa isso, Telvina sabe? Vô ganhá  
 três vêz mais o que ganho agora. Não via agora de chegá em casa.



RAIMUNDO

Quando deu o sinal de saída, eu já tava na porta. Nem senti os empurrões que me deram no ônibus. Eu só tinha um pensamento: voltá prá casa. Sim, voltá pro meu barraco, contá prá minha Maria que o nosso dia de sorte tinha chegado. Fiz mil planos. Ia comprá um trinco prá nossa porta, umas fôlha de zinco nova, essas aí tão tudo furada, vestidos prá Maria, um terno branco prá mim enfim, eu queria comprá tant coisa, Telvina, tanta coisa..... Subi o morro quase correndo, prá contá prá ela. Senti um apêto no coração quando não avistei as nossas ropa na corda. Assim como um aviso, entende? Eram ropas velha, algumas rasgada, mas eu achava tão lindo o seu colorido enfeitando o nosso barraco! Entrei, e o resto você já sabe. Chego o meu dia de cantá novamente, Telvina. Mas agora não posso, canta prá mim, vai. (APONTA LIBÓRIO)

LIBÓRIO

( SAMBA "INQUIETAÇÃO" de ARY BARROSO)

JOÃO COVA

( ENTRA CORRENDO, OFEGANTE) Raimundo... deixa eu ficá aqui um pôco.

RAIMUNDO

Os tira outra vez, não é?

TELVINA

Quase um menino... o que que te fizêro dessa vêz? (SINICA) Outra injustiça? Vocês sempre começam assim, com injustiças... Quem não conhece vocês...

RAIMUNDO

O que que aconteceu, João?

JOÃO COVA

O de sempre. Cada vez que aconteceu alguma coisa, eles vêm direto prá cá. Todo mundo é suspeito.

RAIMUNDO

Todo mundo não quem trabalha eles não incomodam.

PERIGOSO

Que que hove dessa vêz?

JOÃO COVA

Nem sei. Eu acho que algum rôbo. O morro tá cheio de rato. Tudo mundo armado.

PERIGOSO

Como é que você então entra numa fria dessas, rapaz?

JOÃO COVA

Desisti de sê honesto a muito tempo. Me FIZÊRO desisti. Começôtu do quando eu era menino. Tinha um doze ano. Arrumei uma caixinha e fui engraxá sapato. Durmia nas construção eu e mais uma turma de guri. Tinha um burguezinho que todos dias mexiam com a gente da sacada dum edificio. Não nos deixava quietos. Nós ficava o dia intero com raiva deles mas o que que ia fazê?

RAIMUNDO

E depois?

JOÃO COVA

Um dia, nós entremo na deles. S'incontremo na rua e enquanto eles pudiam ficá em pé, nós táva batendo.

RAIMUNDO

E vocês achavam certo, fazê isso?

JOÃO COVA

Não, não... nós não devia tê feito aquilo. Afirma, eram criança igual a nós, mas não tinha quem nos ensinasse a ser bom entende? Hoje, me arrependo, mas é tarde. Os pai deles nos encontraro e levaro prá policia. Ficamo no juizado um bocado de tempo até que consegui fugi. Outros também escaparo e então comece mo a vivê fugindo. Sei que a policia não é tão ruim como nós pensava e diziam, mas como é que a gente ia entende que a lei só queria...



- JOÃO COVA: que a lei só queria o meu bem? Cada soldado, cada guarda que eu via, fugiu ~~xxxx~~ apavorado, era mesmo que encherá o diabo. Então passei a robá prá vivê. Fui prêso de novo, uma, duas, até já perdi a conta.
- RAIMUNDO: Qué um consêlho? Larga de mão dessas coisa. Quanto mais tempo passá pior fica. Bem, mas cada um tem seu problema. Se eu vô falá de meu, tu do teu, enfim, isto aqui vira num valório. Li-bório, mas bem que você pudia fazê um fadinho prá gente. Felvi-ninha .... vai busá uma biritinha prá gente, vai neguinha...
- TELIVINA: Você, en, Raimundo? Quando qué alguma coisa ven com essa voz melosa aí, arrumando direitinho...
- RAIMUNDO: Vai, mulata, via direta, tá bom?
- TELIVINA: ( VAI APANHANDO UMA GARRAFA )
- RAIMUNDO: João cova, eu não te contei ainda. A Maria foi embora,
- JOÃO COVA: Bujá sabia.
- RAIMUNDO: Quem foi que te contô?
- JOÃO COVA: O morro todo já sabe, Raimundo. Ela não escondeu de ninguém que ia te dexá. Desceu o morro com uma mala e...
- RAIMUNDO: Não quero sabê. Não quero mais ovi falá dessa mulhé no meu bar-raco. É um favor que me fazem. ( CANTA "CABELOS BRANCOS" de Mari no Pinto e Herivelto Martins )
- TELIVINA: ( ENTRA APÓS A CANÇÃO ) O cara, conta prá nós daquela tua namo-rada de Tibiriquetá dos Tamanco.
- RAIMUNDO: Chi... alguém já se adiantou no trago...
- TELIVINA: Dexa eu... Como é o barbado, vai e não vai contá prá gente... Era Tibiriquetá, não era?
- JOÃO COVA: Tibiriquetá coisa nenhuma, Telvina! Foi na formosa fronteira duma cidade solitária lá do Sul. Eu andava por lá com uns amigo e con-versa vai, conversa vem, arrumei uma namorada. Era alemoa a dis-tinatária. Apesar de ser da berada do mato não era lá muito san-ta. Uma noite, os pai dela foram prá novena e eu me meti lá na casa. Nunca passei tão bem na minha vida. Vocês sabem, que nessas casa de colônia, vocês não conhecem isto, mas é, os porão são as-sim, cheio de salame, linguiça, queijo, tudo que é coisa boa. En-gordei uns três quilos em poucas hora. No bom da festa, o cachor-ro latiu lá na frente, ela espô no buraco da fogueira e voltô apavorada. Eu senti o perigo. Ela disse: "CORRE, JOÃO, A MINHA PAI VEM CHECANDO". Meninos, foi aquela confusão. Pulei a janela e cor-ri por uma estradinha que ia direto pro quintal. Não é muito escura, e mal encherava onde pisada eu dava. De repente, chuáááá só vi que táva atolado até o pescoço, um chêro que não dava prá supertá. Tinha mudado a casinha, e não fechero o buraco.
- TODOS: RIEM
- RAIMUNDO: O que que vocês acham de mais uma cona, pescal? Hoje não quero nem sabê que foi que pintô a zêbra. Eu quero é bebê.
- JOÃO COVA: É... é triste o cara...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- RAIMUNDO Diz o que você ia dizê, João Cova. Diz, Cova duma figa, diz!  
( ESMURRA JOÃO COVA E JOGÁ PARA FORA ) E vocês ?
- JOÃO COVA ( NA PORTA VOLTOU ) Tá perdendo a linha, hem, malandro? Quem sabe, foi alguêa que te tomô a taria, umh? Não sabe perde, hem ?
- RAIMUNDO ( FAZ MENÇÃO DE IR ATA DIZ )
- JOÃO COVA ( SOME )
- RAIMUNDO E vocês ? Porque tão me olhando com êsse ar de piedade, porque? Também pensam igual à êle, também tão pensando que a maria me dexô por outro, é ? O que que vocês tão fazendo aqui dentro ? Vieram consolá o amix amigo traído ? Pois saibam que eu não preciso de vocês. Não preciso...
- EVELVINA Raimundo, você tá sendo injusto com a gente !
- RAIMUNDO Rua todo mundo, rua... Eu preciso ficá sózinho. Vão embora... vão embora... rua...
- TODOS ( SEM COMENTÁRIOS RETIRAM-SE )
- RAIMUNDO ( CANTA "CHÃO DE ESTRELAS" de Orestes Barbosa e Silvio Caldas, ACOMPANHADO DE VIOLÃO QUE ESTÁ FORA DE CENA ) Cantá... ela foi contá na cidade... cantá... por quê? Ahh? Por que Maria? Você devia tê esperado eu chegá... Esta hora, você estaria aqui, feliz, com a maior esperança... Esperança... sabe que você matou a minha, Maria, sabe? Não, não sabe, né, eu sabe? Onde que você tá esta hora? Caminhando? Onde é que você vai dormi, Maria? E se o João Cova tive razão? Não, não, ela não faria uma coisa dessas prá mim, não faria, né, Maria? ( PERDE A CABEÇA ENTRE OS BRAÇOS E SOLUÇA )
- MARIA ( ANDA ELEGANTEMENTE VESTIDA PELO PALCO )
- LUZ ( APARECE UM FACHO SOBRE MARIA ACOMPANHANDO-A )
- MARIA ( FAZ MÍMICA ACOMPANHA MÚSICA DO DISCO )
- SONOPLASTA ( DISCO DE MAYSA, CANÇÃO " COÇA ", Gravação da autora )
- RAIMUNDO ( AO VER MARIA, SEGUE-A TENTANDO ALCANÇÁ-LA EM CÂMERA LENTA ) ATÉ SAÍREM DE CENA )
- LUZ ( APAÇA TUDO. RAIMUNDO E MARIA VOLTAM À CASA. ACENDE LUZ )
- MARIA ( LEVANTA, PREPARA CAFÉ E ACORDA RAIMUNDO ) Raimundo... Rá... acorda, tá na hora de trabalhá... acorda Rá...
- RAIMUNDO ( SENTA NA CAMA SURPRESO ) Maria... voltou prá mim... você voltô Maria... ( AGRAÇA-A )
- MARIA ( VOLTADA PRA A PLATÊIA ) Será que êsse home encoidô ou me gozando? Vai vê que êle sonho alguma senvergonhice. Cachorro!  
( DÁ-LHE UM TAPA )

PEÇA TEATRAL

TÍTULO: RETALHOS DE MORRO

AUTOR: AROLDO DIAS

ATOS: DOIS (2)

SONOPLASTA- SAMAR COM DEMONIOS DA  
GARÇA (A LEI DO MORRO)  
DE JORGE DUARTE

MARIA

Já começaro os diabo. Não passa uma noite, sem essa baruiada dos diabo.(D)-  
Tou farta disso, farta !

RAIMUNDO

(ENTRA EM CENA ASSOVIANDO)- Tudo bem, nêga ? Alguma novidade ?

MARIA

Como sempre não mudou nada, Continuo aqui, trabalhando, lavando roupas e "  
passando fome.

RAIMUNDO

O que ? Que conversa é essa ? Eu não fiz rancho ante-ontem ?

MARIA

Rancho ? Três quilo de arroz, dois de feijão, umas batatinhas e o que mais,  
hn ? Acha que isto é comida de gente ?

RAIMUNDO

Maria, você sabe que a não posso comprá comida melho prá te dá, não sabe ?  
O meu patrão disse que se eu continuá assim, como tou, trabalhando bem, êle va  
me aumentá. Daí, eu vô podê te dá tudo que você qué, morena. Você nunca mais  
vai se queixá de nada; tá por dentro ?

MARIA

Ia se bom, Raimundo. Eu já tou cansada de passá afeijão e arroiz. Você tá pen  
sou se, um dia, um de nós ficá doente, o que vai se, já pensou ? Você pens  
também, de onde a gente vai tirá dinheiro prá comprá remédio ? Acho bom você  
dá duro no teu patrão e explicá a situação prá êle.

RAIMUNDO

Mais já faiz três meses que eu tou trabalhando, Maria. Você pensa que é só cheg  
e pedí ?

MARIA

Isso é lá com você ! Bem, mais agora vai se lavá que você tá num fedor de  
asa, desgranido !-(D)- Tem água alí na lata.

RAIMUNDO

(D)- Sabe que despedíro o Ernesto ?

MARIA

Que Ernesto ?

RAIMUNDO

O meu colega aquêle que eu falei prá você n'outro dia. Êle tava com a filhinha  
doente no hospital.

MARIA

E por que ?

RAIMUNDO

A mulhé foi fazê visita prá menina e êle teve que ficá em casa, cuidando das  
outras crianças. Quando chegô no serviço, não deixáro êle pegá. O empreteiro  
não quiz nem sabê de papo. Mandô êle rodá.(D)- Você já pensô o que vai se  
deles agora ? (D)- Tou falando com você, ô mulata !

MARIA

E ? E, acaso me interessa êsse "blá-blá-blá", que o falano ardde Polona, Olha  
que o ciclano quebrô a mão, que a mãe do badanha anda de bi... Olha  
aqui, meu: Prá mãe aqui, já chega os problema dela, sacou

RAIMUNDO

E escuta aqui, morena, quando eu chego em casa e como em t... aquê-  
le esparro", né ? Diz que passa o dia inteiro sózinha, que se tem eu, que con-





MARIA

Eu nunca perguntei de onde você veio, porque eu gostaria de sabê tudo de você, sabe, Rá ?

RAIMUNDO

Eu vivia na cidade, no asfalto, como vocês aqui dizem. Tinha um bom emprêgo, até que perdi. Daí, vieram as famosas dificuldades. Eu tinha muitos amigos. Sumiram todos quando eu fiquei mal de vida. Sabe, Maria ? Até fome eu passei. Uma noite, andava sem rumo, sem tê onde dormi, quando me lembrei de perguntá prá Deus, o que é que Ele tava fazendo lá em cima. Quando erguí meus olhos, foi como uma resposta. Enxerguei o morro. Coberto de esqueletos de casas que eu conhecia por favela. Alguma coisa me dizia que aqui eu acharia companhia. Subi. Era véspera de Carnaval. Havia festa, o morro inteiro balançava ao ritmo de sambas. Os rostos morenos passavam por mim, mostrando sorrisos largos e, no meio desta alegria, havia algo que me chamou a atenção. Uma garota morena, cabelos negros caídos nos ombros e com um par de olhos lindos, banhados de lágrimas. Ela me olhou, me aproximei e saímos como se a vida tãda eu a estivesse procurando e ela me esperando. Era o destino que nos unia. Arrumei trabalho, tá certo que ganhando pôco, mas dá prá vivê. Hoje, nem parece que você é aquela mesma menina sofredora que eu encontrei, eu já não sou o mesmo também, mudei demais, não me importo com a vida. A minha vida agora é você, Maria. Você estando comigo é o que importa. (D) - Você tá chorando ? Não chora, Maria, os seus olhos são muito bonitos prá chorá. Vamo dormi, vamos. Amanha temos que levantá cedo prá trabalhá.

LUZ ESCURECE O ALCO/AMBOS SÃO SUBSTITUI-  
DOS POR MENEQUINS, NA CAMA. VOLTA A ILUMI-  
NAR LENTAMENTE

RAIMUNDO

(TOMANDO CAFÉ) - Faz tempo que eu não vejo o Toninho. Onte ainda, perguntei por ele, no botequim do Zé, e ninguém sabe dizê onde aquêle mulato anda.

E TELVINA

(CHAMA FORA DE CENA) - Maria !

MARIA

(ABRE A PORTA) - O Telvina.!? Nós tava agoa, digo: agora mesmo falando no Toninho. (E TELVINA CHORANDO) - Mais o que é que tem, mulhé ? Tá com algramina

E TELVINA

(CHORANDO) O que é isso ?

MARIA

Bom, é... Ah ! Sei lá ! Mais o que você tem ? Fala.

E TELVINA

O Toninho deixô de mim.

RAIMUNDO

Não conta, morena !

E TELVINA

E. Dexô. (CHORA MAIS)

MARIA

E as crianças, onde tu dexô ?

E TELVINA

Levei lá prá casa da minhairmã, aquela camareira.

MARIA

(D) - Viu, Raimundo ? Eu não tou sempre dizendo que vocês home não prestam, não digo ? Agora vê se acompanha o Toninho nessa, vê !

RAIMUNDO

Para com isso, mulhé. Você até parece que engoliu uma...

MARIA

Com tudo isso acontecendo, você vem brincá ? Não dá bo... Telv: na. (D) - Por que não fica com as criança em casa ?

E TELVINA

A comidaterminô e êles não merece passá fome. Você não ad... or de tu- do é que eu tou grávida de novo.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARIA

Outra vêiz, Telvina?

E TELVINA

Pois é, a gente, né? Bem, você me entende, né?

RAIMUNDO

É. Essa gente não perde tempo. Mas o que você acha que vai fazê, mulata?

E TELVINA

Eu vou me virá prá vê se arranjo um batente, não é?

RAIMUNDO

Ah, mais pára lá! O empreiteiro da obra que eu tou trabalhando, me falô que precisa d'uma empregada. Que você acha? Posso pedí o lugar prá você.

MARIA

Isso, rá, fála prá ela. As crianças você pode deixá comigo. Que é que você acha, han?

RAIMUNDO

Ela aceita, sim. Não precisa mais tristeza. Qualqué dia você tá casada de novo que eu sei, e tudo se ajeita.

MARIA

Que é isso, homem!? Recem ela tomô um fora, você já tá empurrando a coitada de novo?

RAIMUNDO

(DA JANELA, CHAMA)- Perigoso, Perigoso!

PERIGOSO

(FORA DECENA)- Que foi, Raimundo?

RAIMUNDO

(ALTO)- Acha o Libório e os outro aí e vem cá que eu tenho um servicinho prá voceis. (D)- Bem, Telvina, vamos nos divertí que a vida é curta. O melhor remédio prá mágua é contá ela e, quando a gente não é poeta, tem que fazê alguma coisa. Nóis vamo é cantá.

E TELVINA

Mulatas! Nós não semos mulatas, branco abusado!

RAIMUNDO

Pronto, podendo dá uma de branca, vocês não perdem tempo, hein?

E TELVINA

(TRISTE)- Deve sê bom sê assim como você. Não se preocupa. Vive rindo, brincando.

RAIMUNDO

Não se preocupa, não. Têm duas coisas que gaz eu batê pestana. O batente e (D)- essa coisinha aí. (APOJTA MARIA)-

E TELVINA

Puxa! A Maria é que é feliz. Tem amor, carinho, um homem que vive só prá ela. (BATE A PORTA/RAIMUNDO ABRE)

RAIMUNDO

Vão entrando, gente. (D)- Senta aí, Libório. Você vai cantá um tréco prá nós. (LIBORIO CANTA: ERREI, ERRAMOS (SAMBA DE ATAULFO ALVES) (D)- Agora vamo fazê aquele Maria, que você canta comigo.

MARIA

E não vem que não tem! Hoje não tou afim de cantá.

RAIMUNDO

Bem, já que minha mukhé não tá alegre, vamo alegrá ela. (CANTA AMANHÃ TEM BAILE (LOBO-OLIVEIRA)

MARIA

Agora eu acho que vocês já podem s'imbora. Eu tou cansado ouvindo essa música nojenta de vocês.

RAIMUNDO

Não fica abusando, não. Quem manda mais que eu aqui dentro é a Maria. Dê comigo. Dê de bobage, mulhé!



ELELVINA

Bem, gente, eu vou m'imbora.

MARIA

Você pode ficá. Eu falei prá êsse maluco aí.

RAIMUNDOSe eles forem bora, eu vou também, e só volto amanhã. E que sabê se é verdade? Dá meu chapéu. (SAI DEIXANDO TODOS) MARIA OS IMPEDE)MARIA

Vocês, não. O Raimundo tá de aniversário e pensa que eu não me lembrei. Vamo prepará uma surpresa prá êle.

LIBORIO

Mas êle só vem, êle disse que ia voltá só amanhã.

MARIAAmanhã nada. Daqui há pôco êle tá. (TODOS PREPARANDO ALGO/FALAM ENTRE SÍ)RAIMUNDO(ENTRA TREMENDO)- Ai, ai....me comoveu....eu não posso mais.MARIARaimundo ! O que foi que te fizêro ? (RAIMUNDO TREMENDO COM PAPEL NA MÃO) (D)-. Fala comigo, Rázinho, fala ! Te fizêro alguma coisa ? (D)- Me ajudem aqui ! Vamo botá êle na cama ! (RAIMUNDO CONTINUASEMPRE)ELELVINA

Olhem como êle treme ! Parece até um ataque piléco !

MARIA

Dexa de bobagem, mulhé. Isso é paralisia infantil !

RAIMUNDO(OLHA O PAPEL QUE TRAZ NA MÃO E SE DESESPERA)-. Não ! Não. Não é possível !MARIA

Não é possível o que, Rázinho ? Diz prá mim, pelo amor de Deus !

RAIMUNDO

A minha avó...

MARIA

...o que tem a tua bózinha ? Diz, meu neguinho, diz, mundinho !

RAIMUNDO(SENTA)- Não é que ela...(D)- Não posso contá.MARIADeixa eu vê êsse papel. (OLHA)- Não tem nada.

Será que êsse homem tá sofrendo...de bobeira ?

RAIMUNDO

A minha avó...ela tava muito doente. É uma coisa triste, mas eu vou contá.

(D)-Saiu umas feridas portodo o corpo dela, não é ? Daí, levaro em tudo que foi médico e não adiantô nada. Não tinha jeito de melhorá.

MARIA

E daí ? O que aconteceu ?

RAIMUNDO

Daí, né ?- leváro ela num curandero e o cara receitou que ela tomasse banho de leite.

TODOS

BANHO DE LEITE ?

RAIMUNDO

É. Banho de leite. Tirado na hora da vaca, E não é que a véia ficô boa ? Secô as ferida. Até cabelo ela já tinha.

ELELVINA

Então por que êsse desespero ? Ela não ficô boa ?

RAIMUNDO

Ficou.

MARIA

Então não tem motivo prá você ficá nervoso, queridinho.

RAIMUNDO

Mas acontece que, depois de quase curada, a vovó morreu esmagada.

MARIA

- SEGUE -

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros. 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Coitada ! Mas que destino ! Depois etanto sofrimento...

E TELVINA

Mas de que jeito, Raimundo ?

RAIMUNDO

Pois não é que elatava tomando o banho de leite, e a vaca resbalô no sabone-  
te e matô a véia !

MARIA

Seu cachorro ! Você tá pensando que nós semos bobo, seu em consideração,  
cretino !

RAIMUNDO

(SAI DO PALCO CORRENDO)

FINAL DO 1º ATO

SONOPLASTA- GRAVAÇÃO DOS "DEMONI  
DA GARÇA/BEM FEITO/  
DE SERENO"

RAIMUNDO

(ASSOVIA FORA DE CENA)(ENTRA)- Maria, Maria ! Será que ela saiu ? Mas não  
me disse nada. Onde iria a esta hora ? (APANHA PAPEL DE CIMA DA MESA)-Um bi-  
lhetê, Vamos ver o que diz.(LÊ)- Raimundo...

MARIA

(VOZ GRAVADA) eu descí o morro. Me perdoe se pudé. Tenho medo de ficá aqui.  
Camsei de tanta pobreza. Ainda ontem aconteceu aquilo com a Telvina. Acha que  
é certo ? Sei que você não faria uma coisa dessas, mas já maginô se eu fico  
esperando um filho, que vida vamo oferecê prá êle ? Não, Raimundo, eu pre-  
firo sacrificá o meu amor e deixá as criança, depois, passá trabalho.  
Por mais liúdo que seja o nosso amor, os filhos não merecem sorte ruim.  
Não sei mais o que vai sê de mim sem ù. Talvez eu vá fazê a vida, cantando.  
Você sempre dizia que eu tenho voz bonita, lembra ? Se não tivé sorte, que  
seja o que Deus quisé. Adeus, Raimundo. E vê se poê me perdoá. Tua sempre-  
Maria. (D/QUEDA)

RAIMUNDO

Por que, Maria ? Por que ? Você não devia tê ido embora. Não devia. Se você  
tivesse esperado...(ETELVINA ENTRA EM CENA TRISTE)

ETELVINA

Raimundo...

RAIMUNDO

...Etelvina, a Maria...

ETELVINA

Eu sei de tudo. Tentei impdí ela de î, mais não diantô. Pensei até em dá  
um chêgo no teu basquete. Mais não tinha nenhum cruza em casa. (PERIGOSO E ERN  
TO ENTRAM EM SILÊNCIO)- Raimundo, você mesmo dizia que a gente precisa desa-  
bafá. Canta alguma coisa prá nós, vá !

RAIMUNDO

Têm certos dias que a vida nos consegue vencê, Telvina. (SORRI) Muitas vêiz,  
eu rí da vida. Agora chegô a vêiz dela rí de mim. Não vai sê por muito tempo.  
Eu falei com meu patrão. Ele qué te conhecê. É quase certo que êle vai te  
empregá.

ETELVINA

Que bom, Raimundo, você não esqueceu. Obrigado.

RAIMUNDO

Sabe ? Hoje meu patrão me chamô no escritório da companhia prá conversá comi  
Sabe o que é que êle queria ? Me passá prá capataz da obra. Sabe o que sig-  
nifica isso ? Telvina, sabe ? Vô ganhá três vêiz mais do que ganho agora.  
Não via a hora de chegá em casa. (D)-Quando deu o sinal da saída, estava  
na porta. Nemsentí os empurrão que me deram no ônibus. Eu só...  
mento. Voltá prá casa. Sim, voltá pro meu barraco, conta p...  
o nosso dia de sorte tinha chegado. Fiz mil planos. Ia comp...  
nossa porta, umas folhas de zinco nova (essas aí tã o tudo...)

- SEGUE -



Maria, um terno branco pratinho, afim...eu queria comprá tantacoisa, Telvina, tanta coisa...! Subi o morro quase correndo, prá contá pra ela. Senti um aperto no coração quando não avistei as nossas roupas na corda. Assim como um aviso, entende? Era roupas velha, algumas rasgadas, mas eu achava tão lindo o seu colorido enfeitando o nosso barraco. Entre e o resto você já sabe. (D) Chegô o meu dia de cantá novamente, Telvina. Mas agora não posso. Canta prá mim, vai. (APONTA LIBORIO) QUE ENTOA SAMBA INQUIETAÇÃO (ARY BARROSO/ENTRA CORRENDO/OPEGANTE, JOÃO COVA)

J/COVA

Raimundo, deixa eu ficá aqui um pôco.

RAIMUNDO

Os tiras outra vêiz, não é?

E TELVINA

Quase um menino. O que te fizêro dessa vêiz? (CINICA) - Outra injustiça? Vocês sempre começam assim, com injustiças. Quem não conhece vocês?

RAIMUNDO

O que aconteceu, João?

J/COVA

O de sempre. Cada vêz que acontece alguma coisa, êles vem direto prá cá. Todo mundo é suspeito.

RAIMUNDO

Todo mundo, não. Quem trabalha, eles não incomodam!

PERIGOSO

O que houve dessa vêiz?

J/COVA

Nem sei. Eu acho que algum robo. O morro tá cheio de ratos. Todo mundo armado.

PERIGOSO

Como é então que você entra numafria dessas, rapaz?

J/COVA

Desisti de sê honesto há muito tempo. Me fizêro desisti, Começou quando eu era criança, menino. Tinha uns 12 anos, Arrumei uma caixinha de engraxá sapato. Dormia nas construção eu e mais uma turma de guri. Tinha uns burguezinho que todos os dias mexiam com a gente da sacada d'um edificio. Não nos deixava quêtos. Nós ficava o dia inteiro com raiva deles mas o que ia fazê

RAIMUNDO

E, depois?

J/COVA

Um dia, nós entramos na deles. S'incontremo numa rua e, enquanto eles podiam ficá em pé, nós tava batendo.

RAIMUNDO

E vocês acharo certo fazê isso?

J/COVA

Não, não...nós não devia têfeito aquilo. Afinal, eram crianças igual a nós, mas não tinha quem nos ensinasse a ser bom, entende? Hoje, me arrependo. Mas é tarde. Os pais deles nos encontraro e lavaro prá policia. Ficamo no juizado um bocado de tempo, até que conseguí fugi. Outros também escaparo e então comemos a vivê fugindo. Sei que a policia não é tão ruim como nós pensava e dizia, mais como a gente ia entendê que a Lei só queria o meu bem? Cada soldado, cada guarda que eu via, fugia apavorado, era mesmo que enxergá o diabo. Então passei a robá prá vivê. Fui preso de novo. Uma, duas...até que perdi a conta.

RAIMUNDO

Que um conselho? Larga de mão dessas coisa. Quanto mais tempo fica. Bem, mas cada um tem seu problema. Ee..e eu vou falar do meu, tu do teu, enfim, isto aqui vira num velório. que você podia fazê um fundinho prá gente. (D) - Telvininha, caipirinha prá gente, vai, neguinha...

E TELVINA

Você, hen, Raimundo? Quando qué alguma coisa vem com essa voz, arrumando jeitinho...





CANTA CHÃO DE ESTRELAS DE ORESTES BARBOZA E SILVIO CALDAS/ACOMPANHADO DE VIOLÃO)- Canta...ela foi cantá na cidade...canta.Por que ? Ahn ? Por que Maria ? Você devia te esperado eu chegá. Esta hora, você estaria aqui, feliz, com a maior esperança...Esperança ! Sabe que você matou a minha Maria, sabe ? Não, não sabe, ou sabe ? Onde que você está a esta hora ? Caminhando ? Onde é que você vai dormí, Maria ? E se o João Cova tivé razão ? Não, não, ele não faria uma cosa dessas...prá mim, não faria, né, Maria ? (PENDE A CABEÇA ENTRE OS BRAÇOS E SOLUÇA)

MARIA ANDA ELEGANTEMENTE VESTIDA PELO PALCO  
FOCO DO MAIS DIRETO POSSIVEL A ACOMPANHA  
MARIA MIMICA/ACOMPANHA MUSICA DO DISCO  
DISCO DE MAYSA (OUÇA)(GRAVAÇÃO DA AUTORA

RAIMUNDO

(AO VER MARIA, SEGUE-A TENTANDO ALCANÇÁ-LA EM CÂMA LENTA)  
TUDO A ESCURAS/RAIMUNDO E MARIA VOL AM A CASA/ACENDE LUZ

MARIA

(LEVANTA/PREPARA CAFÉ E ACORDA RAIMUNDO)- Raimundo...Rá, acorda.Tá na hora de trabalha.Acorda, Ra.

RAIMUNDO

(SENTA NA CAMA SURPRESO)-Maria voltou pra mim...você voltô Maria...(ABRACA-A)--.

MARIA

(VOLTADA PA A A PLATÉIA)- Será que êsse homem endoidô ou tá me gozando ? Vai vê que êle sonhó alguma smvergonhice. Cachorro !(DÁ-LHE TAPA/A DIRECIONAL)

- FINAL -

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



"RETALHOS DE MORRO"

AUTOR : AROLDIO DIAS.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PEÇA TEATRAL EM DOIS ATOS.

SCENOPLASTA ( ZAMBA C/ DEMONIOS DA GARÇA ) " A LEI DO MORRO " de Jorge Duarte

MARIA Já começaram os peates. Não passa uma noite sequer sem essa batida dos diabo. Tô farta disto, farta !

RAIMUNDO ( ENTRA EM CENA ASSOBIANDO ) Tudo bem, nêga ? Alguma novidade ?

MARIA Como sempre não mudou nada. Continuo aqui, trabalhando, lavando roupa e ... passando fome.

RAIMUNDO O que? Que conversa é essa ? Eu não fiz rancho anteontem ?

MARIA Rancho ? Três quilo de arroz, dois de feijão, umas batatinha e o que mais, ehn? Acha que isto é comida de gente ?

RAIMUNDO Maria, tu sabe que eu não posso compré comida melhor prá te dá, não sabe ? O meu patrão disse que se eu continuo assim, como esto, trabalhando bem, êle vai me aumentá. Daí vô podê te dá tudo que você qué, morena. Você nunca mais vai se queixá de nada, tá de dentro ?

MARIA Seria bom, Raimundo. Eu já tô cansada de passá a feijão e arroz. Você já pensô se um dia um de nós fica doente, o que que vai sê já pensô ? Você já pensô também daonde a gente vai tirá dinheiro prá compré remédio ? Ache bom você intimá aquêle seu patrão e explicá a situação prá êle.

RAIMUNDO Mas fez só três mês que eu tô trabalhando, Maria. Você pensa que é só chegá e pedi, é?

MARIA Isto é lá com você. Bem, mas agora te lava que você tá num fedôr de essa desgrenado. Tem água ali na lata.

RAIMUNDO Sabe que despediro o Ernesto ?

MARIA Que Ernesto ?

RAIMUNDO O meu colega aquêle que eu falei prá você outro dia que tava com a filinha doente no hospital.

MARIA E porquê ?

RAIMUNDO A mulhé fui fazê visita prá minha e êle teve que ficá em casa cuidando as outras ciranga. Quando chegô no serviço não dexaro êle pega. O empreteiro não quis nem sabê de papo. Mandô êle rodá. Você já pensô o que vai sê dêles agora ? Tô falando com você, o mulata.

MARIA Ê ? E acaso me interessa êsse blábláblá, que o fulano perdeu o batente, que o ciclano quebrô a mão, que a mãe do fulano deu de bicicleta ? Olha aqui, o pinturo, prá mãe aqui basta o problema dele, morô ?

RAIMUNDO Escute aqui, o gata, quando eu chêgo em casa e cum em tranca, você dá aquêle esparro, né ? Diz que passa o dia intêro sózinha, que só tem eu prá conversa, que não sei o que, não sei o que, má sei bem o que você tá querendo ...



- MARIA E o que é que eu tô querendo, mechinho, posso sabê?
- RAIMUNDO (BATERAM À PORTA, ABRE) Oi, melandórico! Entre que tô terminan-  
do a meia-sola. Senta aí. Meu bem, dá um trago prô perigoso aí,  
enquando me arrumo.
- PERIGOSO (ATRAVÉS DE MÍMICA, PERGUNTA À RAIMUNDO SE VAI FAZER BATUCADA)
- RAIMUNDO ( POR MÍMICA, DIZ QUE NÃO, APONTANDO MARIA COMO CAUSA )
- PERIGOSO ( APOS BEBER...) Bem, eu vô me mandá. -
- MARIA Você já devia tê ido. Veio buscá o Raimundo prá fazê suêra por  
aí, não é?
- RAIMUNDO Que que é isso, Maria? Modêra essa matraca quanto falá com meus  
amigo.
- MARIA Amigo... grandes amigo você tem. Uma turma de vagabundos istá sa-  
bendo, nada mais que isso. UMA CORJA DE VAGAIS.
- RAIMUNDO Olha nega que eu já te falei...
- MARIA Vagal sim, são tudo uns vagal. E qué sabê mais? Pêga esta imun-  
dice dêsse violão e te manda. (ATIRA VIOLÃO PRA RAIMUNDO)
- RAIMUNDO ( LEVA NA GOZAÇÃO) Corre, que a mulhé andá de idéia.
- MARIA Até quando vô tê que aturá isto, até quando?
- RAIMUNDO ( FOI A DE CENA CANTA ALGUMA COISA ) JURAMENTO FALSO 2 P. Caetano)
- MARIA ( APAGA LÂMBIÃO, DEITA-SE NA CAMA DE ROUPA )
- RAIMUNDO CONTINUA CANTANDO... APOS, ENTRA EM CENA CAMBALEANTE) Maria, Maria-  
zinha, meu bem, tá me ouvindo?
- MARIA Tô. Que você qué?
- RAIMUNDO Quero batê uma caxa contigo. Maria, porque você briga comigo?
- MARIA Não sei não, né. As vêz eu fico com mêdo.
- RAIMUNDO Você com mêdo? O que que digo eu, então quando você fica braba?
- MARIA Não é isso que você tá pensando, não. Eu tenho mêdo de te perdê.
- RAIMUNDO Puxa, né com todo êsse tamanho, você acha que vai me perdê?
- MARIA Você está brincando, né. Você sabe que o que eu tô dizendo é ou-  
tra coisa. Eu tenho ciúme de você.
- RAIMUNDO Mais ciúme de que, caso você não confie em mim?
- MARIA Eu desconfio de tudo. Do teu trabalho, da vida que você leva, tu-  
do, tudo! Nós sêmo pobre, mas você não sente isso, não é? -  
Prá você, nada é ruim, parece até que você ri da vida, das luta.  
Não pensa no futuro, em nada só no presente. Por isso eu tenho mê-  
do, né.
- RAIMUNDO Sabe, Maria, eu vô dizê prá você uma coisa que a tempo não pude  
ainda. Eu te amo. Eu nunca te contei de onde vim, não contei nada  
de mim.
- MARIA Eeu nunca perguntei, de onde você veio, por que, eu gostaria de sa-  
bê tudo de ti, sabe, né?

RAIMUNDO

Eu vivia na cidade, no asfalto, como vocês aqui dizem. Tinha um bom emprêgo, até que o perdi. Daí vieram as famosas dificuldades. Eu tinha muitos amigos. Sumiram todos quando eu fiquei mal de vida. Sabe, Maria, até fome eu passei. Uma noite, andava sem rumo, sem tê onde dormi, quando me lebrei de perguntá prá Deus, o que que êle táva fazendo lá em cima. Quando ergui meus olho, foi como uma resposta. Encheguei omorro. Coberto de esqueletos de casa que eu ~~xxxx~~ conhecia por favela. Alguma coisa me dizia que aqui eu acharia companhia. Subi! Era véspera de carnaval. Havia festa, o morro inteiro balançava ao ritmo de sambas. Os rosto morenos passavam por mim mostrando sorrisos largos e no meio desta alegria, havia algo que me chamou a atenção. Uma garota morena, cabelos negros caídos nos ombros, e com um par de olhos lindos banhados de lágrimas. Ela me olhou, aproximei-me e saímos como se a vida tôda eu a estivesse procurando e ela me esperando. Era o destino que nos unia. Arrumii trabalho, tá certo que ganhando pôco, mas dá prá vivê. Hoje, nem parece que você é aquela mesma menina sofredora que eu encontrei, eu já não sou o mesmo também, mudei demais, não me importo com a vida. A minha vida agora é você, Maria. Você estando comigo é o que impota. Você tá chorando? Não chora, Maria, os teus olho são muito bonito prá chorá. Vamo dormi, vamos, amanhã tenho que levantá cedo prá trabalhá.

LUZ

( ESCURECE O PALCO. ~~XXX~~ AMBOS SÃO SUBSTITUIDOS POR MANEQUINS NA CAMA. VOLTA A ILUMINAR LENTAMENTE )

RAIMUNDO

( TOMANDO CAFÊ ) Faz tempo que eu não vejo o Toninho. Onte ainda, perguntei por êle no butiquim do Zé e ninguém sabe dizê onde aquele mulato anda.

ETELVINA

( CHAMA FORA DE CENA ) Maria !

MARIA

( ABRE A PORTA ) O, Telvina, nós táva agora mewno ~~xx~~ falando no Toninho.

ETELVINA

( CHORANDO )

MARIA

Má que que você tem, mulhé? Tá com alguramina?

ETELVINA

( CHORANDO ) Que que é isso?

MARIA

Bom... é... Ah! Sei lá! Mas diz o que tu tem, fala.

ETELVINA

O Toninho dexô de mim.

RAIMUNDO

Não conta, morena!

ETELVINA

E... dexô! ( CHORA MAIS )

MARIA

E as criança, ondé que tu dexô?

ETELVINA

Levei lá prá casa da minha irmã, aquela camareira.

MARIA

Viu, Raimundo, eu não tô sempre dizendo que vocês home não prestam, não digo? Agora vê se cumpanha o Toninho nessa, vê!

RAIMUNDO

Para com isso, mulhé! Você até parece que inguliu uma casa véia!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- MARIA Com tudo isso acontecendo você vem brincá ? Não dá bola prá esse loco, Telvina. Porque não xixá fico com as criança em casa ?
- E TELVINA A comida terminô e êles não merece passá fome, você não acha ? E o pior de tudo é que eu tô grávida de novo.
- MARIA Outra vêiz, Telvina ?
- E TELVINA Pois é, né a gente... bem... você me entende, né ?
- RAIMUNDO È... essa gente não perde tempo. Maso que que você acha que vai fazê, mulata ?
- E TELVINA Eu vôme virá prá vê se arranjo um batente, não é.
- RAIMUNDO Ah! Mas pára lá... o empreiteiro da obra que eu tô trabalhando me falô que precisa duma empregada. Que você acha. Posso pedi o lugar prá você ?
- MARIA Isto, rá, fála prá ela! As criança você pode dexá comigo. Que você acha, ahn?
- RAIMUNDO Ela aceita, sim, não precisa mais tristeza. Qualqué dia você tá casada de novo, que eu sei, e tudo se ajeita.
- MARIA Que é isso, home. Arcém ela tomô um fóra, você já tá empurrando a coitada de novo ?
- RAIMUNDO ( NA JANELA CHAMA ) Perigoso! Perigoso !
- PERIGOSO ( FORA DE CENA ) Que foi, Raimundo ?
- RAIMUNDO (ALTO) Acha o Libório e os otro aí e vem cá que eu tenho um servicinho prá vocês. Bem, Telvina, vamo nos diverti que a vida é curta. O melhor remédio prá mágoa é conta ela e quando a gente não é poeta, tem que fazê alguma coisa. Nós vamo é cantá!
- E TELVINA Mulatas ! Nós não sêmo mulata branco abusado.
- RAIMUNDO Pronto, po endô dá uma de branca, vocês não perdem tempo, hem ?
- E TELVINA ( TRISTE ) Deve sê bom sê assim como você. Não preocupa, vive rindo, brincando...
- RAIMUNDO Não preocupa não! Tem duas coisa que faz eu batê pestana. O batente e essa coisinha aí. (AFONTA PRÁ MARIA)
- E TELVINA Puxa, a Maria que é feliz. Tem amor, carinho, um home que vive só prá ela...
- PERIGOSO ( BATE À PORTA )
- RAIMUNDO ( ABRE ) Vão entrando, gente. Seta aí Libório, você vai cantá um treco prá nós.
- LIBÓRIO ( CANTA ERREI, ERRAMOS, Samba de ATaulfo ALVES )
- Raimundo Agora vamo fazê aquêle, Maria, que você canta comigo
- MARIA E... não vem que não tem. Hoje eu não tô a fim de cantá.
- RAIMUNDO Be , já que a minha mulhé não tá alegre, vamo alegrá ela. CANTA "AMANHÃ TEM BAILE" de LOBO-CLIVEIRA
- MARIA Agora eu acho que você já podem i simbora. Eu tô cansada demais prá ficá ovindo essa música nojenta de vocês.
- RAIMUNDO Não fica abusando não. Quem mandá mais que eu aqui dentro, tem que pulá comigo... Dexa de bobáge, mulhé.
- E TELVINA Bem, gente, eu vô m'imbora.
- MARIA Você pode ficá, eu falei prá esse maluco aí.



- RAIMUNDO Se êls forem embora eu vô também e só voltarei amanhã. E que sabê se é verdade, me dá o meu chapéu. (SAI DEIXANDO TODOS)
- TODOS (VÃO SAIR E MARIA IMPEDE-OS)
- MARIA V, cês não. O Raimundo tá de aniversário e pensa que eu não me lembrei. Vamo prepará uma surpresa prá êle.
- LIBÓRIO Mas êle só bem, êle disse que ia volta só amanhã.
- MARIA Amanhã nada. Daqui a pôco êle táí...
- TODOS (PREPARANDO ALGO. FALAM ENTRE SI)
- RAIMUNDO (ENTRA TREMENDO) Ai... ai... me comoveu.... eu não posso mais.
- MARIA Raimundo ! O que foi que tê fizéro ?
- RAIMUNDO ( TREMENTO COM UM PAPEL NA MAO)
- MARIA Fala comingo Rázinho, fala. Te fizérian algura coisa ?
- RAIMUNDO ( CONTINUA )
- MARIA Me ajudem aqui, vamo botá êle na cama.
- RAIMUNDO ( CONTINUA )
- EVELVINA Olhe como êle treme. Parece até um ataque PILECO.
- MARIA Dexa de bobage mulhé. Isso é paralisia infantil.
- RAIMUNDO ( OLHA O PAPEL QUE TRAZ NA MAO E SE DESESPERA ) Não... não... não é possível !
- RAIMUNDO ( SEMPRE TREMENDO)
- MARIA Não é possível o que, Rázinho ? Diz prá mim, pelo amor do nos so amor !
- RAIMUNDO A minha vô...
- MARIA O que que tem a tua vózinha, diz meu neguinho, diz, Mundinho.
- RAIMUNDO ( SENTA) Ná não é que ela... eu não passo contá...
- MARIA Dexa eu vê êsse papel. (OLHA) Não tem nada. Será que êsse ho-me tá soffredo das piscologia ?
- RAIMUNDO A minha vô... ela tava muito doente. São umas coisa triste, mas eu vô contá. Saiu uma ferida por todos os corpo dela, não é. Daí levaro em tudo que foi médico e não adianto nada, não tinha jeito de melhorá.
- MARIA E daí. O que que aconteceu ?
- RAIMUNDO Daí, né, levaro ela num corandero e o cara receita que ela to masse banho de leite.
- TODOS BANHO DE LEITE?
- RAIMUNDO È... banho de leite. Tirado na hora d a vaca. E não é que u véia ficô boa? Seco todos as ferida. Até cabelo e a já tina...
- EVELVINA Então porque êsse Desespêro ? Ela não fico boa ?
- RAIMUNDO Fico.
- MARIA Então não tem motivo prá você fica nervoso, neguinho.
- RAIMUNDO Mas acontece que depois de quase curada, a vovô morreu esma-gada.
- MARIA Coitada ! Mas que destino! Depois de tanto sofrimento...
- EVELVINA Mas que jeito, Raimundo ?
- PERIGOSO Pois não é que ela tava tomando o banho de leite, e a vaca res

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

